

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Francisco Regis de Moura

O AMOR A SABEDORIA: O EROS EM *O BANQUETE* DE PLATÃO

TERESINA

2016

FRANCISCO REGIS DE MOURA

O AMOR A SABEDORIA: O EROS EM O BANQUETE DE PLATÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Filosofia, no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI).

Orientador: Prof.ª Ma. Maria dos Santos Silva Lopes

O AMOR A SABEDORIA: O EROS EM O BANQUETE DE PLATÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Filosofia, no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI).

Orientador: Prof.ª Ma. Maria dos Santos Silva Lopes

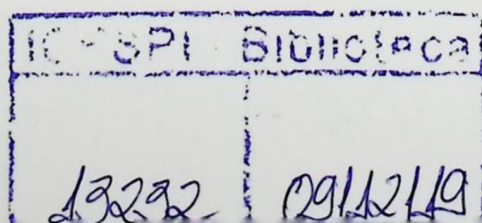
Prof.ª Ma. Maria dos Santos Silva Lopes
Orientador

Prof.ª Ma. Maria dos Santos Silva Lopes
Orientador

cod. 5903
100
M929a
Ex. 02

TERESINA

2016



FRANCISCO REGIS DE MOURA

O AMOR A SABEDORIA: O EROS EM *O BANQUETE* DE PLATÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Filosofia, no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI).

Orientador: Prof^a. Ma. Maria dos Santos Silva Lopes

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof^a. Ma. Maria dos Santos Silva Lopes (ICESPI)
Orientador

Prof^o. Ms. Pe. Amadeu Matias Bernardes Filho
1º Examinador

Prof^o. Ms. Wilker de Carvalho Marques
2º Examinador

DEDICATÓRIA

*A Deus fonte inesgotável do amor caridade, a minha família que me gerou no amor,
ambos dos quais tenho apanágio e proteção.*

*A você que reconhece no amor a origem do mistério, o caminho do apaixonado e o
fim último da sabedoria!*

AGRADECIMENTO

A Deus, suprema excelência do amor, que em sua infinita misericórdia, segurando-me pela mão me trouxe até aqui e continua a me conduzir pelo caminho apaixonado do discipulado;

Aos amores pelos quais denoto ardente paixão, pois antes de tudo, são verdadeiros presentes dos Céus: meus amados pais, Ana Lúcia Moura e José Wilson de Moura (in memoriam), meu caríssimo irmão, Paulo Henrique de Moura, meus avós paternos: Rita Josefa de Moura e Francisco Pereira de Moura (in memoriam), meus avós maternos: Maria Inez Gonçalves e Luiz Gonzaga de Moura e aos outros familiares que, mesmo na distância física, foram presenças em todas as horas, como de fato os são em todos os momentos;

A madrinha Josinez Gonçalves, ternura e carinho que tanto me envolve;

Ao meu cativante primo Luiz Neto, amizade fraterna e irmandade que enlaça minha vida;

Aos bons e fiéis amigos com os quais o Mestre brindou minha vida, dentre eles: Allef Antonio, Francisco Ramires, Vanderlan Félix, Sâmia Gonçalves, Aurilene Gomes, Bárbara Martins, Maria dos Remédios, Jéssica Cavalcante, Socorro Conceição, Maninha, Peta, Adélia, Valdenir e Maria do Carmo que, ao modo que lhes são próprios contribuíram para que meus passos fossem galgados com maior firmeza;

A minha querida orientadora, Prof^a. Ma. Ir. Maria dos Santos Silva Lopes, carinhosamente, Ir. Santinha que, ombreou-me com o incentivo, sua humanidade e notória humildade intelectual sem sombra de dúvidas foi uma das maiores inspiração para a temática desenvolvida. Autêntica religiosa da Santa Igreja, apaixonada pelo ser humano;

As estimadas professoras: Elisângela Amaral, Rosilene Silva e Marly Gondim que com docilidade e esmero contribuíram no aperfeiçoamento do trabalho;

Aos reverendíssimos padres: Ferdiran Fontes Mendes e Flávio de Sousa Santiago, pelo incentivo vocacional. Verdadeiros amigos, homens que na humanidade e em suas particularidades são aspirações de uma vida devotada ao Sacerdote por excelência. Bem

como, aos meus atuais formadores, menciono, Pe. João Paulo Moreira que, na docilidade emanada do Santo Espírito, traduz os desígnios do Bom Pastor em minha vida formativa;

Aos significativos sacerdotes que são referências em minha caminhada vocacional;

A Diocese de Picos, igreja que o Mestre confirma minha vocação e o povo que pertence ao Senhor frutificando em suas partilhas, contribuem diretamente com nossa formação presbiteral;

Aos irmãos seminaristas, os de minha Diocese, os que compõem a nossa turma e os de convivência direta. Juntos, com o auxílio do Senhor foi possível percorrer as mais adversas vias. Obrigado por tanta compreensão;

A todos que contribuem em minha vida humana e vocacional, aos quais dedico essa redação monográfica e que sem sombra de dúvidas são sinais do acompanhamento do meu amado, Jesus Cristo!

O problema filosófico central de *O Banquete* é, naturalmente, quem é Eros. Dentro de suas várias definições apresentadas por Platão, as imagens das cupidas do *banquete de Apolo*, a que mais especifica a natureza de Eros, identificam-o como o arquétipo das coisas belas, principalmente da sabedoria. Esse Eros que inspira o homem a buscar o amor das estruturas, ou seja, a *epistémé*, constitui o eixo e fundamento último de uma vida apolônica voltada para o Mundo Ideal. Com base nisso, Platão afirma o papel de Eros como motor das coisas mais altas e nobres, o desejo de compreender os homens, atingir o mundo e entrar na vida humana. Nesse sentido, a *epistémé* apolônica é a virtude das coisas perfeitas, ou de quem a busca alcançada e alcançadora ao longo da vida. Com esse objetivo, a filosofia, como a ciência, ou seja, a *epistémé*, busca a verdade e a dignidade próprias e adequadas para a compreensão da realidade em questão. Portanto, *O Banquete* trata a virtude de *epistémé*, analisando-a sob os aspectos de Eros e filosofia, a busca da ciência, da beleza por excelência, como conceito de Eros, do Mundo Ideal com referência ao prazer na busca incessante da sabedoria em perspectiva da plenitude.

PALAVRAS-CHAVE: PLATÃO, BANQUETE, DIALÉTICA, EROS, AMOR, BELEZA

O amor é filho da pobreza e da riqueza: da pobreza, porque constantemente pede, e da riqueza porque constantemente se dá.

(Platão)

Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se não tivesse o amor, nada seria.

(1Cor 13,1)

RESUMO

O problema dialético inicial de *O Banquete* é compreender quem é Eros. Dentre as mais variadas definições apresentadas por Platão, nas louvações dos convidados do festim de Agatão, a que mais especifica a natureza de *Eros*, identifica-o como eterno caçador das coisas belas, principalmente da sabedoria. Esse *Eros* que inspira o homem a buscar o *amor* das essências, ou seja, a *Sophia*, constitui-se como o fundamento último de uma vida apaixonada refletida para o Mundo Ideal. Com base nisso, justifica-se o porquê de *Eros* concentrar em si os mais altos e nobres desejos de empreender tal busca. Nesse sentido, a erótica na vida humana, faz-se necessária enquanto apreciação e vivência das categorias metafísicas do *amor* a serem alcançada e ultrapassadas no tempo correto. Sob essa diretiva, a reflexão sobre o *ethos*, em vista do Bem, assim como a da dialética platônica é relevante para a compreensão da temática em questão. Portanto, *O Banquete* tem o mérito de apresentar, mediante a relação entre *Eros* e filosofia, a busca do eterno, da *beleza* por excelência, como conceito de Bem, do Mundo Ideal cuja essência se perfaz na busca apaixonada da sabedoria em perspectiva da plenitude.

PALAVRAS CHAVES: PLATÃO, BANQUETE, DIALÉTICA, EROS, AMOR, BELEZA.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONSIDERAÇÕES DA FILOSOFIA DE PLATÃO	12
2.1 A metafísica de Platão	13
2.2 Meditações do Ethos platônico	15
3 A DIALÉTICA PLATÔNICA	17
3.1 O movimento dialético de <i>Eros</i>	18
3.2 Construção e estruturação da dialética platônica.....	22
4 O DESEJO DO ETERNO COMO <i>EROS</i>	27
4.1 Um dos modos de auferir sabedoria na sociedade grega antiga	29
4.2 O <i>Eros</i> filósofo	33
5 CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

A reflexão platônica é considerada uma das célebres teorias de toda história da filosofia, localizando-se na Filosofia Antiga, muitos são os filósofos de todos os tempos que sistematizaram suas reflexões, tais como os neoplatônicos e muitos outros, tendo como fonte principal seus escritos. Dentre as várias temáticas desenvolvidas por ele, o *amor*, sendo *Eros* a mais completa maneira de denominação, foi aquela, de suas teorias, que nos chamou mais a atenção, por isso, da escolha de o tratarmos na referida pesquisa de conclusão de curso. Aqui abordaremos a metafísica platônica do *amor*.

Em se tratando de *Amor Platônico*, não elucidaremos aqui a simples visão de que, esse *amor* é justamente aquele inatingível, alheio aos desejos e impossível de realizá-lo, como aquele que ama sem ser descoberto pelo amado, iremos, além disso, analisar toda a relevância de *Eros* ao longo da vida e de que forma esse se torna o melhor viés para atingir as mais altas categorias, em síntese definida por ele, o Bem, estando elucidado pelo filósofo nos escritos em que nos deteremos.

Em Platão, particularmente em *O Banquete*, obra central dessa redação monográfica, o filósofo denomina o *amor* de *Eros*, sendo esse o responsável por excelência do desejo de eternizar-se. Sendo oriundo de disparidades, Poros e Pobreza, na descendência paterna possui completude, entretanto, a materna, implica-lhe carência. Essa indigência protagoniza a busca perene de *Eros* pelos mais elevados níveis de sabedoria que culminará em sua eternidade.

O Banquete é considerado um dos mais belos textos da literatura filosófica. É nele que Platão desenvolve a sua *Doutrina sobre o Amor*. A prosa filosófica é discorrida em meio aquele festim, na casa do famoso poeta Agatão. Todos os seus convivas buscam então o real sentido do *amor* e de que maneira este está implicado em suas vivências, estando cientes de que todos os seres racionais recebem a nobre influencia deste deus “tão nobre e tão antigo”, ou *dáimon*. E o itinerário que iniciam as reflexões filosóficas concernentes a *Eros* é precisamente pelo processo de louvações e elogios bem variados ao seu respeito. No que toca os vários discursos e analogias referentes ao tema *amor* é na apreciação socrática que confere o posicionamento de Platão, no que corresponde sua principal reflexão acerca de *Eros* que é justamente a busca perene do Belo, nobre categoria do Mundo Ideal, intrinsecamente interligada ao Bem supremo, em síntese, desejo de eternizar-se, de possuir as essências.

Desenvolveremos a referida redação monográfica, do seguinte modo, a saber: retratando em primeira parte a contextualização de Platão, no que tange as principais características de sua metafísica, pois que, sua teorização do *amor* é evidentemente o ponto

alto que permite a sistemática reflexão metafísica acerca do conhecimento que primordialmente deve estar traduzido como o *amor* a sabedoria, conduzindo-nos assim para algumas considerações do Ethos platônico, tendo em vista que tal problemática denota visível dedicação de produção pelo filósofo em estudo. Em segundo, se faz necessário uma análise da dialética platônica, método inspirado pelo seu mestre, Sócrates, sendo Platão o exímio inovador desse procedimento. E assim oportunizará uma sensata compreensão do referido método filosófico que perpassa todos os seus diálogos e destacando a construção e estruturação dialética da obra em estudo: **O Banquete**. Em terceiro, avultaremos a problemática central do diálogo platônica em pesquisa, o *Eros* que dentre todos os desejos, pretende eternizar-se, e assim eterniza-se em seu constante desejar.

Na visão grega, Eros representa tanto o *amor* sentimento, quanto a divindade. A discussão platônica estará entre o homem que se deixa levar pelo *amor* que é puramente sentimental ou pelo *amor* que é racional. No primeiro, o homem dá vazão às emoções não agindo com inteligência, no segundo, demonstraremos em nosso trabalho que deve ser a parte cultivada pela pessoa humana, pois, esse em uma escala de mudança, tenderá a se aproximar com mais clareza do objetivo, ou seja, o conhecimento, a racionalidade, estando presente desde sempre no mundo ideal, do qual todos os racionais fizeram parte um dia em excelência e arde em paixão pelo retorno, caminho íngreme, mas não impossível de trilha-lo. De tal forma que por Platão apontaremos os meios primordiais para tal passagem.

Interpelar a teoria do amor de Platão é apresentar a comunidade acadêmica uma reflexão platônica ainda pouco apreciada dentre a sua ampla filosofia, sobretudo, pela importância deste filósofo, que com certeza continua a influenciar todo o campo filosófico por possuir um arcabouço ou produções muito apreciáveis. Sua obra, datada por volta do século IV a. C, sem sombra de dúvidas serve como fonte para o desenvolvimento e base de muitas pesquisas no campo em discussão, não obstante ao favorecimento de grande parte do pensar filosófico.

A relevância do diálogo **O Banquete** de Platão, é clara, pois, traz consigo a marca de uma contribuição muito significativa para a compreensão de seu longo campo filosófico, não deixa de ser uma investigação ontológica de uma das primaciais faculdades humanas. Por causa disso, as adversidades e dissidências de apreciações serão presentes em algumas partes dessa atividade filosófica, tendo consciência de que quando nos referimos a particularidades profundas do homem, muitas são as inquietações. É precisamente nesse diálogo que é possível perceber o início da substituição das *ideias socráticas*, pelas próprias ideias de Platão. Tal realização não é executada ingenuamente pelo pensador. Evidentemente, ao

apresentar a referida produção, já está com seus princípios bem mais maduros, já conta com sabedoria de vida, é possível olhar para traz e refletir a vida com uma ótica de perspectivas no que sem sombra de dúvidas, contribui para uma partida filosófica bem mais independente e clara.

2. CONSIDERAÇÕES DA FILOSOFIA DE PLATÃO

Platão nasceu em uma das mais influentes cidades da Grécia, Atenas em 428 a. C. Seu verdadeiro nome era Arístocles. O que gera seu apelido está ligado ao vigor físico ou a amplitude de seus ombros, por isso, Platão. Antes de receber o reconhecimento de exímio filósofo grego, foi viajante e atleta. O incansável caminho filosófico empreendido se finda com sua morte em 347 a. C. O marco de sua vivência quando tinha aproximadamente vinte anos está no encontro que conhece o homem que logo mais seria seu mestre, Sócrates. Dentre os vários destaques de sua vida o de ser o primeiro pensador do ocidente a deter um corpo de escritos considerável é motivo de admiração e respeito. No entanto, sabemos muito pouco sobre sua biografia, pois pouquíssimas vezes fez menção a si mesmo. O que temos conhecimento, devemos a Aristóteles que segundo ele, Platão recebeu influências de Crátilo, o heraclitiano, depois de Sócrates seu valoroso mestre e de toda a tradição pré-socrática.

Platão é um divisor de águas na História da Filosofia Antiga. Apresenta uma nova forma de ver e interpretar o cosmos, de modo que rompe com outras formas de interpretações, tais como as alegorias mitológicas, apesar de ser perceptível a influência dos mitos na construção do logos platônico. No desenvolvimento de sua filosofia expõe incisivas críticas há uma classe de indivíduos da Grécia antiga: poetas e artistas são definidos pelo filósofo como aqueles que apenas copiam as cópias imperfeitas do que os olhos facilmente observam em primeira instância, sendo assim estão em nível inferior na escala de nobreza da vida ocupado pelos homens. A filosofia platônica de modo geral, toca uma série de temas, estando sistematizada nas principais questões, a saber: metafísica, epistemologia, ética, teoria política, linguagem, arte e *Eros (amor)* encontrando-se esse último, no problema pelo qual nos debruçaremos na referida pesquisa monográfica, achando-se inerente a metafísica do filósofo.

Encontrar Sócrates representa para Platão um novo sentido de vida, pois a alma sutil do jovem discípulo encontra para sua vida um novo prazer. Trata-se, portanto do jogo dialético do seu Mestre. Com tal método era possível por em quesito tudo aquilo que até então não passava de dogmas inquestionáveis e cabais. Toda via, interessa-nos perceber um Platão que percorre um itinerário avultado por ele mesmo, evidentemente que sempre atento para sua

principal fonte de sabedoria, o sábio Sócrates, um pensador que nas entrelinhas suas passadas já estejam firmes e que galgam as mais célebres interpretações filosóficas não somente do cosmos, mas também do indivíduo, da comunidade e de toda uma vida social. Assim o Platão que apresenta uma teoria um tanto mais independente do seu mestre denota atenção do pesquisador e por que não dizer um Platão mais firme e de idade madura.

2.1. A metafísica de Platão

As concepções platônicas concernentes à existência estão impreterivelmente associadas às ideias que são abstrações controladas pelo ideal e que somente por ele se pode dar conta do conhecimento. O pensar sobre o que o conhecimento possa ser assume um caráter de convicções sobre o que de fato se possa conhecer ao longo da existência e para onde se caminha.

Platão em algumas vezes utiliza o exemplo da *beleza* no desejo de explicitar as suas concepções metafísicas que estão implicadas em *Eros*. O filósofo chama a atenção para que o interesse pelas coisas belas perpassa o plano puramente material, pois em sua ótica não importa, por exemplo, se um vaso se apresente aos olhos como bonito ou feio, pois as coisas materiais são supletivas ao desejo profundo de contemplação do fim último, isto é, as essências. Ora, estando presentes nesse mundo, são apenas cópias imperfeitas que estando aqui jamais ganharam perfeita harmonia. A noção de *beleza* presente em *O Banquete* é que a relatividade presente nessa faculdade é somente ao intelecto que produz formosura puramente racional e que somente assim atingirá a máxima de toda a sua conceituação, isto é, o Bem presente no Hiperurâneo. Nicholas P. White, comenta:

A mesma ideia surge em no Banquete 210 – 211 a. A noção da beleza aqui descrita é a noção do ser belo de uma coisa não relativamente a outra parte da coisa ou há um tempo ou lugar ou em relação ou para quem ela é bela ou para que tipo de coisa ela é ou, na verdade, a qualquer outra coisa. (WHITE, 2013 p 342)

Na filosofia de Platão as principais formas serão sempre acessadas por abstração e assim se pode concluir que essa ação só será desempenhada pelos indivíduos que em uma escala de desenvolvimento, a ascensão seja algo concreto em seu movimento. O demiurgo é o responsável pela causação nostálgica de que observando o cosmos e a si mesmo, o estranhamento da presença em lugar diferente seja pertinente ao caminheiro. Os predicados almejados nunca estão em alcance pleno em quanto o movimento for presente. Pois no mais

íntimo habita a declaração fadigosa do não pertencimento há um mundo tão imperfeito. Por isso, o caminho será sempre percorrido, uma vez que o sentido da vida esteja presente nessa autêntica busca. Justifica-se a impressão que se tem, não poucas vezes de que a perspectiva de que percebe tal angústia é relativa ao belo em completo que não está em acesso na condição atual. Por isso, a criatura pensa incansavelmente sempre a esse respeito, motivando-se a si mesmo pelas inspirações que tem de trilhar o caminho que um dia o levará ao mundo do qual sempre fez parte.

O modo de observação exerce influencia importante, por esse motivo Platão propõe uma análise do tempo, tendo em vista que a relatividade, a fugacidade, a destruição da matéria que anda, seja característica do *cronos*, isto é, do tempo. As circunstâncias baseadas em visões de algo podem mudar, dado que algumas coisas mudam por não resistirem à força do tempo, até mesmo a matéria mais intelectual e em maior grau de conhecimento parece enquanto se desloca, em contra partida, outras se enriquecem, pois ao ritmo que o tempo se esgota elas se aproximam cada vez mais do modo de contemplação das coisas eternas e belas. Essas mudanças não são simples e exigem do observador o visual fundamental que o leve a transcendência, atividade que só pode ser realizada quando o desvio das inclinações naturais que geralmente são periféricas esteja presente no homem que deseja intensamente amar.

As concepções de Platão, especialmente a que tratamos nessa pesquisa, diz respeito a sua metafísica. As noções das entidades especiais ligadas às formas é um exemplo. O que se percebe no mundo sensível, são formas deturpadas do ideal, mas, se se conhece é porque exatamente no mundo ideal esse contato já havia sido realizado. Justifica-se a complexidade dos fatos propostos para serem refletidos ao longo de nosso trabalho. Assim, exige do pesquisador e/ou leitor certo conhecimento particular de tal teoria. Interpretá-la, percebê-la no viés do homem que almeja a sabedoria é fator indispensável de quem alimenta a carência de verificação dos acontecimentos que demonstram a existência do ser humano, estando ciente: a pertença da alma está interligada há um plano ideal que se confirma no singular pensamento que é inerente a toda criatura humana, ou seja, a grandeza da alma esteja para além do visível, do material. Alguns comentadores destacam algumas características que devem ser presentes em quem aprecia Platão e principalmente as questões que estão consonantes em sua metafísica. Dentre eles Nicholas P Write:

Podemos compreender a concepção de Platão como assim interpretada, e talvez simpatizar com ela em certa medida, se continuarmos a usar a introspecção para pensar sobre o que queremos dizer quando atribuímos tais propriedades. (WHITE, 2013 p 347)

A epistemologia metafísica de Platão é uma teoria de notória complexidade, no que convém sublinhar a dificuldade de apresentar uma síntese daquilo que o autor sistematiza e propõe como pensamento metafísico. As características principais e indispensáveis para uma compreensão prudente são justamente essas que já foram elencadas. Em síntese não apresentamos as críticas que foram feitas a Platão já na antiguidade por percebermos que para o construto desse raciocínio filosófico, tais evidências soam como desnecessárias. É de suma importância a clareza da compreensão de que no diálogo que se debruça essa pesquisa, o principal entendimento da *beleza* que tem em *Eros* o meio mais nobre de ser atingida, está associada especialmente ao conceito de Bem, como fim último que todo ser humano deve almejar em aferir de nous. Este conceito é o termo de toda a filosofia platônica. Nessa realidade o eterno apaixonado se transcende em puro amor. Aqui o estado de penúria, de pobreza é vencido, o amante eterno é o amor que no mundo ideal se harmoniza na mais plena perfeição com a justiça que liga ao topo de toda a busca empreendida, a bondade, o Bem.

2.2.O *Ethos* platônico

O que é virtude? Essa é a pergunta fundamental que fundamenta toda a ética de Platão, pois perguntar pela virtude é atentar para a busca do conhecimento que é verdadeiro, ou seja, o que está pautado na ideia de Bem. O mal só se torna prática daqueles que negligenciam a virtude. Justifica-se porque virtude é sinônimo de conhecimento em Platão.

No que se refere ao *ethos* platônico, nada é mais característico de sua filosofia moral que a oposição radical a essa concepção de moralidade, baseada no consenso e nas convenções, a fim de defender a existência de realidades morais objetivas. Tal conceito está associado à noção de justiça que dentre as categorias presentes no mundo das essências, o conceito de justiça é um dos mais altos, pois está associado diretamente ao Bem, que tem na filosofia de Platão o ápice de todo o sentido da vida. Platão constrói uma teoria puramente racional sobre a constituição da alma que segundo ele era eterna, estando no seu afastamento do ideal o motivo de todos os desafios encontrados no caminho de volta. Esse construto racional estabelece a razão da pessoa humana como supremacia e autônoma das emoções, podendo controlar os apetites e vontade.

Platão, apoiado em seu mestre, Sócrates, retira o lugar da busca cósmica presente na mente do homem antigo e coloca a alma como sede da moralidade, ou seja, a busca pela virtude passa a ser a principal razão (DURANT, 1994). O homem deve ser virtuoso, de tal

forma que a busca será refletida na sociedade e somente assim encontrará a felicidade. É impossível pensar a ética de Platão dissociada da vida comum. O autor explicita sua teoria na utopia da cidade harmônica em sua famosa obra *A República*¹, assim o autor parece convencido de que o aperfeiçoamento moral do indivíduo, por meio da persuasão racional, só pode ser realizado no quadro de uma cidade justa, onde o princípio do governar fosse o saber, peculiaridade presente no filósofo que dentre os indivíduos da polis, esse, o filósofo, seria o único com capacidade de governar, por possuir justamente a fase maduro de uma boa vida, ou seja, a sabedoria. Dessa forma, Platão explicita a forma do encontro da felicidade pelo ser humano, pois os conceitos morais deveriam ser presença no indivíduo e estando nele, estaria também na cidade. Este modelo perfeito descrito por Platão é nada mais nada menos que uma extensão da alma humana que já conseguiu livrar-se dos pensamentos e práticas irracionais.

Platão afirma que cada ser humano tem uma forte razão para agir moralmente e que o modo de vida virtuoso se justifica de maneira racional e independente das normas estabelecidas. A base central da ética platônica é justamente o mundo inteligível, pois que, o ideal é construído na perfeita e eterna ideia que é justa e boa e assim somente ela pode organizar a sociedade. As leis e a moral que os homens precisam para as suas vidas são gestadas e organizadas nesse plano. Para os indivíduos fica apenas o cargo de com todas as suas forças desejarem o acesso para que assim, as ideias perfeitas e eternas, na ética sejam refletidas na sociedade, isto é, pelo conhecimento dessas categorias, da essência do homem.

Um dos escritos de grande notoriedade do filósofo grego em estudo é sem sombra de dúvidas o Mito da Caverna, o teórico grego ilustra a necessidade do homem de se desapegar das meras aparências que muitas vezes e/ou sempre são deturpadas para perseguir a racionalidade que exige uma vida ética e feliz. A realidade platônica é sem sombra de dúvidas formada pela ideia que na teoria platônica é indiscutivelmente responsável por gestar na criatura humana as leis e valores que devem reger a vida (DURANT, 1994). Na consciência da pessoa humana, deve ser admitido que as normas morais estejam implicitamente ligadas aos interesses próprios de cada qual, não havendo dúvidas que nada as torna legítimas senão a satisfação dos interesses a que elas servem. É preciso libertar-se das paixões. O homem ético segundo Platão é o que causa rupturas com a moral comum.

O método inovador de Platão, o dialético é o responsável por excluir principalmente da linguagem as meras aparências alteradas da racionalidade para que enfim abstraia a essência. Mudança que desperta no homem o desejo do afastamento da ignorância e de ideia

¹ Em grego: Πολιτεία, transl. *Politeia* é um diálogo socrático escrito por Platão, filósofo grego, no século IV a.C. Todo o diálogo é narrado, em primeira pessoa, por Sócrates. O tema central da obra é a justiça.

em ideia o conhecimento do Bem seja uma realidade vivida. Este, o Bem que é a Ideia Suprema, responsável por iluminar o Ser com os conceitos que contem da mesma forma que o Sol ilumina o mundo sensível. As exigências para a vida dos indivíduos é de uma busca de vida que tenha as mesmas peculiaridades dos valores iluminados na consciência, no que demanda dele a autêntica reflexão da justiça. Platão percebe na alma humana o meio principal da ética, pois é assim que consolida a cidade pensada como ideal em bons costumes, moral e ética.

3. A DIALÉTICA PLATÔNICA

Platão, enquanto discípulo de Sócrates acolhe de seu mestre o testemunho de comprometimento com a verdade cuja relevância ocorrera em sua vida; na eloquência de seus discursos e principalmente na sabedoria facilmente percebida. Platão, inspirado na “maieutica” de Sócrates atualiza o método do seu mestre e com o seu toque filosófico aperfeiçoa-o e denomina-o de dialética.

Nessa nova atualização do mecanismo utilizado por Sócrates, o seu fiel discípulo, conserva em seu método dialético a natureza própria com a qual o seu mestre o originou. A ideia de que o filosófico procedimento não é somente a de contrariedades em posições reflexivas distintas, mas, de mesma crítica e opinião. E assim, parte-se de uma mesma hipótese, com o interesse de que depois seja feito o melhoramento das eventuais críticas que poderão surgir no decorrer do processo. Só é possível elevar a qualidade da crítica ou contraposição de opiniões, tendo como pressuposto o mesmo ponto de partida, ou seja, a mesma hipótese. Um exemplo clássico é uma afirmação de uma convicção defendida por alguém, conhecendo tal afirmação, depois de escutarem, poderão intervir e discutirem a autenticidade de tal conteúdo. Sem sombra de dúvida é no movimento interacional de ideias que se compreende com propriedade o que seja a dialética platônico-socrática.

No mundo grego antigo a figura de Sócrates goza de grande prestígio por ser considerado o homem mais sábio de toda a Grécia. Dentre as mais variadas reflexões filosóficas, deste período, a filosofia de Sócrates coloca o ser humano no centro da pergunta pelo saber. Trata-se da novidade de uma vida refletida² para além daquela da descoberta do princípio do universo, protagonizada pelos filósofos da *physis* ou pré-socráticos. Associado ao

² Os antigos filósofos gregos que não foram influenciados por Sócrates. (Em geral viveram antes dele, mas alguns foram seus contemporâneos ou até mais novos que ele). A classificação (embora não o termo) remonta a Aristóteles, que via o humanismo de Sócrates e sua ênfase em questões éticas como divisor de águas na história da filosofia.

seu método da ironia ou maiêutica³, destaca-se a dialética que será o realce inovador de seu fiel amante, Platão.

Para assimilar os diálogos platônicos é essencial entender a sua maneira peculiar de apresentar os fatos e questionamentos em destaque na vida do homem grego. (GOLDSCHMIDT, 2002, p 3)⁴. Esses, os diálogos, não são descrições dogmáticas acabadas, mas, método que investiga e que com regularidade se especula. É próprio da escrita platônica a aporia⁵. Por meio desse método, mais uma peculiaridade da rica escrita platônica, é que se deve intentar para uma autêntica análise das composições de um determinado diálogo que se estuda, ou mais especificamente, para sua estrutura filosófica.

3.1. O movimento dialético de *Eros*

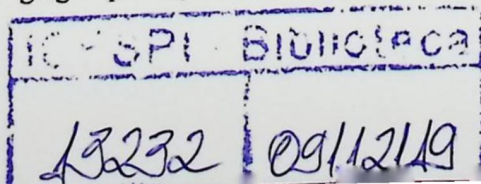
O filósofo em pesquisa utiliza-se de um dos métodos, dentre os vários do ramo, para fazer filosofia, que são os diálogos, ou seja, conversações entre pessoas. Nesses escritos, Platão apresenta uma estrutura racional para entender as argumentações em quesito, pois não é arbitrária sua metodologia. Apontaremos os basilares níveis de tal movimento que são utilizados por Platão em seus escritos, a saber: “imagem”, “definição” “essência” e “ciência”. Com isso, destacaremos a importância desses recursos na composição dialética da obra *O Banquete*.

É própria da estrutura racional humana a dúvida, o questionamento. E as primeiras indagações se manifestam por meio de “imagens” que surgem na consciência, tais ilustrações se apresentam de duas formas, em primeiro, em modelo de imitação, em formas detentoras de perfeição, harmonia, regulação, isto é, são idênticas a elas mesmas e assim pertencem ao Demiurgo de modo que são imutáveis, ou seja, nelas se contem a perfeição. (GOLDSCHMIDT, 2002, p 15). Em segundo, se encontra o modo de “imitação”. Nessa parte o autor chama a atenção para que se faça uma minuciosa distinção de proporcionalidades, em especial as matemáticas, que produzem as formas exatas e quantificadas da realidade e em

³ Sócrates, filósofo grego que viveu no século IV a. C, enfrentou o relativismo moral da sociedade ateniense. Em síntese a ironia socrática era nada mais, nada menos que o método de perguntar ao interlocutor sobre algo que estivesse em discussão, e assim tentava definir um conceito, refutando as teses prontas de que o contrapunha. Já a maiêutica, que em outras palavras significa a arte de parturejar. Inspirado por sua mãe que era parteira. Sócrates intencionava parir o conhecimento a partir das ideias em discussão.

⁴ Victor Goldschmidt, (1914-1925) foi um filósofo e historiador francês. Fez seu nome com a publicação da sua tese, *Les Diálogos de Platão*, em 1947.

⁵ Aporia, (plural: aporiai), termo grego que significa “enigma”, “questão para discussão”, “estado de perplexidade”. CF CAMBRIDGE



contrapartida, do outro lado à imitação artística, que, mesmo estando comprometida em retratar a verdade, reproduzem não as intensidades reais, mas se preocupam primordialmente na exibição da *beleza*.

As opiniões dos cinco convivas de Agatão, inclusive a dele, no que concerne o objeto refletido, ou seja, *Eros*. Sofria nem mais nem menos que, uma falha comum. Louvavam as qualidades emanadas de *Eros*, quando na realidade eles mesmos o ignoravam, pois constataram que o *amor*, não vinha recebendo as honras que lhe são de direito. Depois de Sócrates, o discurso que mais conseguiu notoriedade foi o do anfitrião do festim, Agatão, de tal forma que, os questionamentos ou refutações elucidadas por Sócrates iniciam por ele. Tendo em vista que, a crítica socrática não atingirá somente o exímio poeta, mas todos os outros convivas que já haviam discursado, ora, dialeticamente os discursos possuíam uma problemática unânime, todos eles dissertaram sobre a essência de um objeto que por muito tempo foi ignorado por muitos, inclusive por eles próprios. A análise de *Eros* retratada por Sócrates tem início pontualmente na natureza do *amor*, pois que essa, sua natureza é relativa a qualquer coisa, tendo em vista que a parte que lhe falta, é ao mesmo tempo pertinente a ele mesmo. O poeta confessa em sua louvação que, *Eros* é relativo às coisas belas. Deve-se compreender que a relatividade de *Eros* está ligada justamente ao predicado do desejar, isto é, a coisa faltosa. Todas essas características são movimentos inerentes da dialética de Platão.

Porque *Eros* não é relativo a todo objeto. “Pois do que é feio não havia amor”, dissera Agatão. Não eram somente as palavras do poeta. Era reconhecer a exigência essencial que “todos desejam as coisas boas”. *Eros* não é mais relativo a si próprio. A busca do prazer pelo prazer celebrada por Cálicles é contrária ao espírito dos Valores platônicos. (GOLDSCHMIDT, 2002, p 210)

No movimento dialético, *Eros* não é mais relativo a si próprio, pois os valores platônicos não se configuram numa busca desenfreada do prazer pelo prazer, mas do se desvencilhar de tal prática em vista do bem maior, e assim convém salientar que o deslocamento platônico aqui proposto se configura na busca enamorada pelo *amor* conhecimento, com toda a sua misteriosidade. O relativismo de *Eros* é sem sombra de dúvidas somente às coisas belas, pois essa é sua carência. A busca ardente de *Eros* se constitui em se elevar as mais nobres faculdades, meio que implicará em sua transcendência futura. Agatão confessa em sua fala: “*Eros* é relativo às belas coisas”, além de uma confissão nessa fala do anfitrião do banquete, nota-se a presença de uma exigência: *Eros* sempre terá a tendência pelas belas coisas. Pois as feias não possuem *amor*. O seu lugar intermediário está assegurado

propriamente nessa condição, uma vez estando estre os falsos valores e os verdadeiros valores. Sócrates infere com uma guinada filosófica em meio às opiniões que nesse contexto, são imagens, dos seus companheiros de festa.

Logo em seguida, na estrutura proposta por Platão, se defronta a “definição”, essa que consiste em novo redirecionamento ou mudança de norte do diálogo. Nessa primeira aporia, a mudança de interlocutor é nítida, logo que Sócrates põe em quesito todo o discurso do famoso poeta, esse por sua vez emudece. Essa é uma característica da “definição”, depois de ter as ideias confrontadas pelo homem sábio, a postura de quem dialoga com ele, era justamente essa: silêncio e reflexão acerca das concepções manifestas. Sócrates então toma o seu lugar de mestre e seu interlocutor de discípulo. O que não poderíamos deixar de evidenciar é que em *O Banquete*, Sócrates não permanece na posição de mestre, de detentor do conhecimento, mais se coloca como discípulo e ainda mais, deseja aprender de uma mulher, figura que não denotava de reconhecimento e credibilidade na sociedade grega. Era Diotima, a sacerdotisa de Mantinéia. Ela que manifestava autoridade no conhecimento de *Eros*, e assim seria possível ter uma autêntica consciência a respeito de tal mistério.

A sacerdotisa de Mantinéia avulta o posicionamento de *Eros* nessa busca de completude, ele está exatamente em extremos, pobreza e nobreza. Nota-se que isso significa num dos problemas dialéticos da “definição”, isto é, a contrariedade das afirmações. Entende-se porque para Diotima, *Eros* é *daimon*⁶, esta denominação introduzida pela sacerdotisa, nos transporta para um segundo plano de compreensão que é precisamente o mítico, uma vez que com o surgimento de varias outras especificações, a investigação a cargo do plano dialético não poderá ser dispensada. Ela descreve o gênero daimônico, por conseguinte, narra o mito do nascimento de *Eros* que justifica sua oscilação e a partir de recôndito nascimento compreende-se a personalidade de *Eros*, estando ele separado dos demais gêneros. (GOLDSCHMIDT, 2002, p 212). *Eros* é sem sombra de dúvida o sujeito que ama profundamente, pois busca incansavelmente completar-se com o *amor* do amado. A *beleza* não lhe pertence, mas é atributo do seu amado, por isso deseja-o incessantemente.

Em terceira categoria, passa-se a refletir sobre a “essência”, no que convém indagar qual seria a melhor iniciativa. Julgar primeiro os valores ou as “essências”?

⁶ Afasto-me aqui da tradução que Goldschmidt oferece de *daimon* como *démon* em francês, e *demônio* em português. *Demônio*, em nosso imaginário, está muito marcado pela ideia de gênero inspirador e pelas religiões judaica e cristã, que o concebem como um anjo mau que se rebelou contra Deus e foi precipitado no Inferno, designando todas as forças malignas e inferiores; trata-se de um termo fortemente pejorativo. Encontramos um termo menos comprometido como *nume*, conforme as traduções de Henrique Graciano Murachco e Jean Torrano. Mesmo em grego, sofreu muitas alterações de sentido, segundo Bailly: trata-se de um deus ou uma deusa quando se fala de uma divindade determinada.

Indiscutivelmente, as qualidades que estão presentes nos valores, são todas “essências”, estando intrínseca a possibilidade de que no instante que se conhece a “essência”, automaticamente desvele a natureza dos valores, conhecendo assim a utilidade de cada qual. Aprofundando nesse processo a pergunta que deve surgir logo em seguida seria: qual a utilidade da sabedoria? Segundo Sócrates seria o conhecimento do bem e do mal, optando primordialmente pelo bem. Afastando-se dos apetites e paixões desordenadas e se aproximando cada vez mais do conceito de ideal. No que diz respeito à utilidade de *Eros*, este sendo relativo às coisas belas, automaticamente anseia pela contemplação do Bem, tendo em vista que essa é a “essência” da *beleza*, isto é, a bondade. Deve-se realçar que *Eros* desejando as coisas boas, sua aspiração não exige somente possuir a *beleza* que está em perfeita união com a bondade, mas permanecer com a posse dela perpetuamente.

Em meio à querela da “essência” o posicionamento do comediante Aristófanes, conduz para um novo deslocamento. Na teoria do famoso comediante grego, cada indivíduo ama a metade de si próprio, no entanto, tal teoria só será justa se o indivíduo tiver a compreensão verdadeira do que é bom. Convém aclarar ainda que tal hipótese supracitada não diz respeito aos recursos superiores da alma, mas aos simples, como por exemplo: certo homem aceita que seus membros sejam amputados porque os julga maus. Ilustramos tal nível de “essência” como meio de enriquecimento ainda maior da referida redação monográfica.

Está na “essência” à ideia de perpetuidade, em outros termos é pontualmente nesse nível que *Eros* deseja possuir a imortalidade, contemplar de fato o *amor*, ação essa que será possível por meio da posse das coisas que julgamos boas. O critério para tal definição se encontra nas ideias superiores, que são próprias do Mundo Ideal, uma vez que essas ideias se apoiam no desejo profundo de felicidade que habita a pessoa humana (GOLDSCHMIDT, 2002, p 216). A purificação da busca fica a cargo da dialética, pois muitas são as vezes que necessitam de redirecionamentos, tendo em vista que o fim último para todo o homem é encontrar-se com a parte que lhe falta e que tanto buscou, tendo em vista que sua imortalidade estará presente justamente no instinto que lhe motivou a buscar.

Partindo para o ultimo ponto do movimento dialético de *Eros*, encontra-se a “ciência”, que se trata precisamente de passar as consequências para chegar então ao mundo sensível. Na dialética platônica, se nota a presença desse último movimento exatamente nos elogios que se faz há uma pessoa, especialmente os elogios feitos a Sócrates. Alcibíades, por exemplo, é um dos que o enamoram e lhe rende elogios:

Entre nós, pelo menos, quando ouvimos outro orador discursar, até mesmo os de maior nome e fama, ninguém, por assim dizer, lhe concede a mínima atenção. Porém, quando alguém te ouve, ou as tuas palavras reproduzidas por terceiros, ainda que se trate de orador de pouco préstimo, logo se sente comovido e arrebatado, quer aconteça isso com mulher, quer com homem feito ou adolescente. (O BANQUETE, 215D).

A sequência presente nos diálogos, por meio do movimento dialético apresentado, não corresponde exatamente ao método estrutural de todos os outros diálogos. Todavia, se apresentamos certa estruturação dialógica, é porque compreendemos que é dessa forma que se entende melhor toda a dialética platônica que está em voga em **O Banquete**.

3.2. Construção e estruturação da dialética platônica em **O Banquete**

A obra platônica que tem o cerne da presente redação monográfica se apresenta como uma de suas mais belas e poéticas escritas no que toca o tema *amor*. É justamente nela que Platão expõe sua *teoria do amor*. Dentre as várias outras características que lhe são atribuídas, distinguindo-a assim das outras obras do autor que são de suma importância para a filosofia, bem como, para outros ramos da academia, nela, **O Banquete**, é possível perceber a maturidade filosófica que já está presente em Platão. Por conseguinte, justifica-se o notório esmero e sistemática filosófica utilizada pelo autor que não de maneira simples pode-se perceber em outros escritos seus. Nessa obra, ocorre o que muitos comentadores, dentre eles, Richard Kraut, denomina de partida filosófica segura. Nesse período Platão detém uma teoria madura, experiência de vida, está mais próximo do homem sábio, no que lhe permite filosofar com mais entusiasmo e segurança.

A procura incansável, o intenso desejo faz parte da natureza de *Eros*, pois, se trata de um excelente caçador. Platão nos deixa claramente ciente disso. É como se uma determinada parte que está quebrada desejasse ardentemente possuir com todas as suas forças a sua outra metade faltosa que mesmo estando quebrada é uma parte que lhe constitui e uma vez se completando todas as carências serão sanadas. (LOPES, 2015, p 95) *Eros* anseia por amar vigorosamente e somente na unidade, jamais se conforma com a ausência.

É de suma importância que façamos ecoar em nossa pesquisa que, o *amor platônico* narrado em **O Banquete**, não está simplesmente interessado no desejo constante de um amante se unir ao seu amado na esperança da vivência do tipo de *amor* que mencionamos

acima. (KRAUT, 2013, p 293)⁷ A leitura da obra que nos debruçamos não nos motiva para tal condição, mesmo valendo-se da necessidade de erotização que deve estar implícita na pessoa humana, ora, é exatamente esse fator que desperta no homem o anseio de busca, se colocando para a cassia, no que na teoria platônica do *amor*, apresentar-se-á o rigoroso método de renúncia dos excessos a fim de levar a termo o único e verídico escopo da cassia empreendida por *Eros*: a conquista da nobreza do *amor*.

Em se referindo a problemática da dialética no diálogo platônico em análise, tendo o seu início inevitavelmente no principiar da fala de um dos convidados que discursa. Fedro menciona a negligência dos poetas em suas produções, autores e artistas do seu tempo que não renderam as justas homenagens e congratulações a *Eros*, deus tão poderoso e tão antigo, segundo Fedro. Tal reclamação de Fedro, ganha plausibilidade, toca os que o circundam a seguinte interrogação: sendo *Eros* um deus, porque deixa-lo de fora dos cultos de adoração? A reclamação de Fedro causa impacto, pois antes mesmo de iniciarem as devidas e justas louvações a *Eros*, intentam para tal problemática, tendo em vista que em grego *eros* não é apenas o nome de um deus, mas uma palavra que comumente significa *amor*. Toda via, em muitas prosas e poesias gregas ao se defrontar com o *amor*, a quem de fato o poeta estaria se referindo, ao sentimento *amor* ou ao deus *Eros*? . Platão por meio de sua dialética resolve logo a querela enunciada no início do festim e trata o *amor* de *Eros*, representando assim tudo o que já elencamos que pertence a sua natureza, do deus *Eros*, tendo em vista que, na controvérsia entre Sócrates e Diotima, tal problemática é sanada. Entretanto, não poderíamos deixar de mencionar que na perspectiva grega do *amor*, este por sua vez é *agridoce*. Em determinadas fazes da vida, isto é, de sua purificação, a divindade do *amor* pode se manifestar como doce ou amargo, argumenta Kraut:

[...] Os gregos foram completamente ambivalentes com relação ao amor; *Eros*, na picante formulação de Safo, é “agridoce”. E assim, louvar a *Eros* é mais surpreendente do que Fedro, seu foco resolutamente fixado na divindade do Amor, parece preparado para admitir. (KRAUT, 2013, p 295).

Em todo o debate de opiniões concernentes ao *amor*, representado no diálogo mais profundo da teoria platônica que discutimos na referida pesquisa, é, pois, a busca fascinante do homem em estágio de *penúria* pelo Bem, esse que consiste no emaranhado de todas as

⁷ Richard Kraut é professor de Filosofia na Universidade de Illinois em Chicago. É autor de *Socrates and the State* (Princeton University Press, 1984) e de *Aristotle on the Human Good* (Princeton University Press, 1989) e atualmente desenvolve o projeto de uma tradução comentada sobre a Política: Livros VII e VIII de Aristóteles.

virtudes e afeições presentes no mundo ideal do qual provém à criatura humana. Nos embates argumentativos entre aqueles que manifestam as mais profundas concepções alusivas a *Eros*, não muito difícil, é possível identificar que nas entrelinhas das falas, existem aqueles que definem a busca de *Eros* por aquilo que o completaria enquanto vida finita, de tal forma que referenciam o *amor* como meio que os indivíduos utilizam para conquistarem coisas. Sendo que, a proposta sugerida pelo autor e que o mesmo trabalha de maneira primorosa em seu diálogo é precisamente para que o amante não perda de vista a verdadeira e única essência de sua corrida que rumo sua própria completude, o *amor* que o ser humano concebe pelo outro e a partir de tal, poderá um dia contemplar a máxima do Bem, estando esse homem, em estado completo de perfeição no mundo que um dia havia deixado.

Diotima, a sacerdotisa é senão aquela que no diálogo, exorta o seu interlocutor, Sócrates, para este risco que circunda os indivíduos. Por ventura, a carência do bem deve ser uma falta percebida em unanimidade pela pessoa humana, quem não o percebe se arrogando estar já na etapa concluída, não tem postura de sábio e fada-se ao fracasso. Todos almejam um dia desabrochar em uma vida verdadeiramente feliz. Por isso, que mesmo estando de forma deturpada, o *amor*, habita o mais íntimo e profundo de nossa alma, pois ele faz parte da essência do Ser. (KRAUT, 2013, p 302) Sem sombra de dúvidas, o Bem é tão somente o objeto de *amor* que nos oportuniza a mantermos sempre as mais belas convicções da necessidade que temos de um dia nos harmonizarmos com ele. Evidentemente que a medida do nosso *amor* é feita por aquilo que consideramos bom, tendo em vista que Platão com sua teorização nos ajuda nos exercícios de discernimentos que devem estar presentes em todo o percurso empreendido por aquele que almeja a sabedoria.

Uma vez que, no entanto, diferimos em nossas concepções do que nos traz felicidade, os amantes do bem assomam em muitas variedades, e a fala comum geralmente reserva as palavras “amor” e “amante” (*eros*, *eran*, *erastes*) para aqueles que buscam aquela espécie particular de bem que é amor sexual entre as pessoas. (KRAUT, 2013, p 302).

A discussão dialética do *amor* ou *Eros*, em Platão, pode causar em quem o lê um estranhamento por achar que existe uma circularidade da problemática. De fato, isso acontece. Torna-se inevitável não cair nesse círculo que não é vicioso, mas se trata de uma composição da sua dialética sobre o *amor*. (PESANHA, 1987 p 77) Pois que, em Platão, *amor* e fala, *amor* e discurso, *amor* e palavra estão definitivamente ligados ao movimento central de toda a problemática relacionada ao *amor* e que compõe o eixo fundamental da discussão,

evidentemente que dentro da referida teoria. As falas apresentadas pelos diversos participantes da festa desvelam faces de *Eros*. Platão quer mostrar ao leitor isso. Apresenta varias formas de compreensão do *amor*, purifica as ideias, retira os excessos, apresenta o que lhe é de direito e espera que a partir de tal contato com sua filosofia, o leitor tome o posicionamento que for mais prudente. Essas faces de *Eros* possuem ligações, no que justifica mais uma vez o motivo da circularidade da linguagem em volta do tema.

Na partida filosófica com a centralidade na relevância do *amor* como a maneira incansável de se chegar ao conhecimento, Platão, ao escrever **O Banquete**, tenta de alguma forma excluir do discurso que ronda *Eros* a arbitrariedade em que tal divindade estava sujeita e assim livra dos que se põe a investigar amorosamente do perigo de uma má interpretação, tendo em vista que sobre esse deus, remontam muitas falas no que tange o seu nascimento, continuidade e fim. Não conhecendo claramente o seu percurso, resta apenas o que está à vista que é justamente a sua continuidade, pois esse é o meio que estamos participando com ele, isto é o presente, somos nós que o percebemos, o narramos, isto é, faz parte de nossa vivência.

No referido trabalho de conclusão de curso, nos disporemos a apresentar no capítulo seguinte que trará o desfecho do que nos propomos a argumentar os discursos que julgamos os mais fidedignos e importantes para a compreensão do exposto conjunto de indagações no que tange tal problemática, tendo consciência que argumentar sobre tal aspiração nunca foi fácil. Percebe-se a dificuldade em toda a História da Filosofia Antiga. A temática do *amor* não finda, mas está apta a sempre caminhar.

O amor é tema que não se encerra nem se exaure: apesar de permanentemente retomado, permanece inconcluso, aberto sempre à possibilidade de novas variações. Eis porque – sem a apreensão de seu início, sem a visualização de seu final – do tema do amor temos somente o meio, seu dilacerado meio onde estamos e somos. (PESANHA, 1987 p 78)

O Banquete de Platão é considerado um dos célebres escritos não somente da filosofia, mas da literatura. Nele constitui a centralidade de um dos temas que sempre denotaram de grande apreço por todos: a virtude do *amor*. Platão discorre sobre tal temática em outros dos seus diálogos como no **Fedro**⁸ e em **Lísis**⁹, mas o que expressa de melhor maneira sua teoria é sem sombra de dúvidas **O Banquete**, sendo que esse se firma como sua

⁸ É o nome de um texto filosófico muito conhecido escrito por Platão, por volta de 385-370 a. C. O nome dessa obra é o mesmo de um dos personagens principais do diálogo **O Banquete**, que ao lado de Sócrates, discute o amor.

⁹ **Lísis** é um diálogo platônico que ocupa-se com o conceito de *phylia*, ou seja, amizade, amor. Pertence à série conhecida como "primeiros diálogos", composto na época em que o autor ainda era jovem.

obra principal no que concerne a *Eros* e tudo o que lhe envolve. Levando assim a concluirmos que no que se refere aos mistérios que circundam o *amor*, tal diálogo seja suficiente para o que desejamos salientar nessa pesquisa monográfica.

Toda a escrita de Platão carece de muita atenção do leitor. Para introduzir a temática central que pretende discutir em toda a sua obra, o autor resgata as principais falas da história que estavam supostamente em ostracismo. Constrói uma dialética dramática de *Eros*, uma vez que seu conjunto central compõe-se de relatos. O relator principal é Apolodoro que pela segunda vez, repete o que já havia se passado e que aquilo que sabe sobre tal temática, deve a Aristodemo que presenciara a reunião na casa de Agatão. O modo como Platão evidencia sua teoria do *amor* no diálogo em estudo é nem mais nem menos que um dos seus escritos mais complexos, ora, o problema dialético em voga, está desde o relato principal, que está evidentemente nas misteriosas origens do debate principal da obra, entre Sócrates e Diotima a Sacerdotisa de Mantinéia, perpassando todo o diálogo e permanecendo principalmente no cerne da questão. A misteriosidade do *Eros*.

Dialeticamente, podemos inferir que a doutrina platônico-socrática sobre *Eros* aflora de sua obra *O Banquete* como algo que sem sombra de dúvidas pode ser resgatado na história por uma longa memorização de possíveis esquecimentos. Cada qual que discursa sobre o *amor*, faz referências a outras falas, opiniões, definições que tocam a relevância do *amor* no construto de uma vida virtuosa que será empreendida por um homem que almeja ser sábio. Nisso, os personagens principais, são intermediadores de discursos, pois, todos se apoiam em algo que outros lhe relataram sobre *Eros*. Um se apoia no outro, no que não lhes impedem de apresentarem concepções novas. Atividade notória em toda a obra filosófica.

Sob outra perspectiva, da riqueza literária, mas com decisivas e importantíssimas implicações filosóficas, a composição de *O Banquete*, elenca uma variedade admirável de recursos próprios da vida do mundo grego, tais como: diálogos, discursos, mitos, citações de poesias de exímios poetas, provérbios famosos, ou seja, Platão se utiliza de múltiplos estilos para comprovar que a centralidade da vida de um verdadeiro amante da sabedoria, deve ser a busca incansável do *amor*, esse que por sinal, trará para aquele que ama a fadiga incansável de estar incompleto, de ser humilde, conscientizar-se que nunca está cheio, mais que em seu vazio, sempre caberá aquilo que *Eros* sempre ambiciona: a perfeição de seu Ser. Inevitavelmente, Platão descortina mais uma de suas faces filosóficas, isto é, revela-se o Platão filósofo-dramaturgo. Tendo em vista que do *amor*, a linguagem nunca poderá contemplá-lo em perfeita excelência, pois em síntese, o *amor* não é nem faces, nem discursos, nem frases, mas dele podemos ter tão somente o desejo mais íntimo e intrínseco presente em

toda a criatura humana, por mais que não o cultive, almeja se eternizar em obras, falas, meios e ações.

O *amor* proposto por Platão quer ser enamorado das coisas do alto, do local que as produzem em perfeita harmonia. No estado atual, aprisionados, não podemos participar em completude das Ideias Perfeitas, mas o esforçado caçador inspirará no homem a sua incansável busca. É um *Eros* celestial que em Nous tem sua origem e destinação primordial que por meio do uso das palavras erotizadas conduzira os homens libertos das amarras dos apetites ao seu princípio inteligível. Em Platão, na sua dialética, esse esforço perpassará todas as formas de vida, quer seja num sentido metafísico, quer seja num sentido ético pedagógico.

A linguagem dialética utilizada por Platão implica na problemática de como os mortais se abeiram desse reino ideal, passando assim a peregrinar e somente em um dia, no fim do destino poder então penetrá-lo. Tal problemática leva consigo o ponto principal de investigação dos herdeiros de Platão, os neoplatônicos, tendo em Plotino a principal discussão quanto o Absoluto ou supostamente a partir dele.

4. O DESEJO DO ETERNO COMO *EROS*

Desde os primórdios é possível identificar a busca constante dos homens pelo eterno como uma de suas características. Nessa busca, a discussão sobre o *amor* se apresenta como relevante para a filosofia e nesse contexto, o dos primórdios da busca apaixonada pelo saber, que se insere a reflexão sobre o *amor*. O *amor*, identificado em *O Banquete* como *Eros*, é justamente o desejo contínuo de eternizar-se.

Eros é carência, o desejo faz, em parte, o *Eros*. Está implicado nele a participação humana na natureza divina, ou seja, atuação da criatura mortal na eternidade. Quando referimo-nos a tal ação, que é própria dos seres sujeitos ao devir, termo encontrado na filosofia pré-socrática, particularmente em Heráclito, que a vida, está em um contínuo movimento, não está inerte. Identificamos as ações desenvolvidas por *Eros*, no que concerne, a renovação, ou permutação do novo pelo velho, isto é, maneira daqueles que são sujeitos de transformação, de garantir a sua existência e dos seus em meio à fugacidade do tempo.

Na força do querer, particular elemento dos seres racionais, *Eros*, sendo *penúria*¹⁰, motiva o amante a galgar aquilo que seria o seu componente por excelência, a *beleza*. Pois, é

¹⁰ Esses dois polos divergentes do amor, o sempre carente, contraposto ao pleno, satisfeito, antecipam dramaticamente as dimensões constitutivas de *Eros*, *Penúria* e *Expediente*, segundo o discurso mítico-filosófico de Sócrates. (PLATÃO, 2011, p 33)

por meio desse platônico bem, que a pessoa humana reproduz o seu poder de participação no eterno, de tal modo que a criatura humana, mesmo limitada, introduz sua operação no *mistério do divino*¹¹ por meio da procriação, meio de perpetuação da espécie, sendo criatura finita, criadora de um terceiro indivíduo, estando, pois o nascimento dos seres em escala misteriosa na compreensão humana. É própria dos seres humanos a necessidade de completude, uma vez estando separado da parte que lhe completa em perfeição e para explicar o motivo de tal necessidade, Platão, retorna ao mito do Andrógino. Conta-se que no início a raça humana não possuía a forma física que conhecemos, por isso, denominavam-se de Andrógino, mas estavam em formato de bolotas que possuíam quatro membros inferiores e superiores e duas faces semelhantes, detinham grandes poderes, força e velocidade de locomoção, no que causou envaidecimento e ambição, levando-os a tramarem contra os deuses. Resolvem escalar o Olimpo, ação causadora da fúria dos imortais, e Zeus com sua poderosa espada os corta ao meio de uma só vez. Estando as criaturas feridas, Apolo cura seus ferimentos e para que se tornem humildes, conserta suas cabeças reposicionando-as de uma maneira que passem a vida contemplando a parte que lhe falta. As criaturas humanas a partir de então passam a vida vagando em uma procura constante de sua completude perfeita.

Para dar continuidade a existência humana é necessário estar em contato com o mistério, e assim, preserva-se naquilo que ele mesmo gerou, tornando possível sua imortalidade. O belo e enigmático ato de gerar a vida se transforma em um dos meios mais esplêndidos de verdadeiras recíprocas entre os amados. O homem nasce da carência, sendo *Eros* o principal responsável por erotizar os mais altos desejos de imortalidade e eternidade. Dessa forma, à medida que ama profundamente, a *beleza* vai sendo gerada transcendendo a *beleza* do corpo pela *beleza* da alma, o objeto amado sofre alteração ontológica, pois sendo espiritualizado o sensível do qual fazia parte é superado pelo inteligível. Esta, a *beleza*, é a manifestação concreta do divino eterno no humano, carente e mortal que aspira a completude do que lhe falta para se tornar uno e eterno.

A beleza platônica é a parte visual do mistério, que permite as visualizações daquilo que jamais poderia ser produzida pelo homem: desde a aurora com toda a sua sutileza ao crepúsculo com toda a sua majestade. Eles manifestam ao homem uma parte da *beleza* que está em perfeição no mistério tornando possível a contemplação de parte do mistério, estando

¹¹ Grifo Meu: O divino está completo e em perfeita harmonia no Mundo Ideal. *Eros*, desde a sua concepção permanece misteriosamente erotizando o homem na busca incansável pela metade que lhe falta, essa que lhe traria a perfeição. A transcendentalidade é própria do homem, descobrir o sentido de sua existência e para onde seria o termo de sua vida é mistério.

este implicado no eterno. Segundo Platão, é necessário erotizar-se, e para tal, sentir *Eros* carinhosamente é imprescindível, sendo uma de suas características, para que a investigação amorosa da *beleza*, que está presente no cosmos, quer dizer, no universo, seja possível, dado que, seja essa a responsável pela instigação da contemplação dos mistérios que cercam o homem e o mundo. Dentre os mais variados atributos divinos está o *Belo* em maior acessibilidade.

Na filosofia platônica a *beleza* é justamente essa busca afetuosa e incansável que permite com que a filosofia seja amante insaciável da sabedoria. Perscrutar o conhecimento, transcender as meras aparências do que parece ser evidente, ou melhor, sobrepujar as simples visualizações dos sentidos, investigando assim o fundamento divino, espiritual e inteligível. Sem sombra de dúvidas, o autêntico amante, deseja sempre conhecer o seu amado muito mais além daquilo que lhe é apresentado por ele, ir além dos olhos físicos, de maneira que, as janelas da alma sejam luzeiros de eternidade.

Na proposta platônica do *Eros*, ama-se o espiritual que se descortina pelo amante mediante as tantas possibilidades. Nesse sentido, apenas aos mais nobres será possível identificar o amante por excelência, que é justamente o filósofo.

4.1. Um dos modos de auferir a sabedoria na sociedade grega antiga

Na ordem que fora organizado os convivas de Agatão devem seguir os discursos de louvações do *amor*. Dentre as variadas maneiras de apresenta-lo, alguns dos que ali estão, o expõe como forma de transmissão ou repasse dos conhecimentos adquiridos por um determinado indivíduo a outro que ainda se encontra em fase de descobrimento de si próprio e da vida como um todo. O *amor* seria o Bem em que o amante teria a capacidade de repassá-lo para o seu amado? É de suma importância lembrar que, ao referir-se ao repasse do *amor*, entende-se por conhecimento, meio de atingir a racionalidade e não somente uma ação dada a qualquer indivíduo. Percebe-se toda a função social que estava em volta de determinado comportamento, a pederastia, meio de acesso a sociedade masculina pelos jovens mancebos que deveriam ser introduzidos em funções cívicas, estava implicado todo um contexto vivenciado por algumas das cidades estados em que a prática exercia funções sociais. (PLATÃO, 2011, p 47)

Iniciando por Fedro, logo no primeiro discurso, argumenta a defesa de um *amor* guerreiro pederástico, ao aludir tal prática, um dos mais célebres exemplos é a amizade entre Aquiles, famoso guerreiro grego, um semi-deus, com o seu primo Pátroclo, que persuadido,

morre em campo de batalha no que faz com que o seu amante resolva lutar contra Tróia, por *amor* ao seu primo que havia sido morto. Ação essa que era comum em algumas cidades estados da Grécia, aqui se conceitua amizade como uma reciprocidade bem mais ampla do que se compreende em outros períodos da história. A ação referida consistia basicamente em um relacionamento mais íntimo de um mestre com o seu discípulo que, deveria ser um jovem mancebo, relação que exigia início e fim, não deveria perdurar muito tempo e sim o essencial para que o jovem passasse da adolescência para a idade adulta. A pederastia era um meio social em que o mestre detinha a responsabilidade de transmitir os seus conhecimentos, por isso, deveria ser mais velho e sábio, para um jovem que ainda necessita busca-lo e livrar-se de seus apetites sexuais. Convém elucidar as razões identificadas por Fedro no que tange o *amor pederástico*.

Se houvesse meio de formar uma cidade ou um exército só de amantes e dos respectivos amados, melhor base não fora possível encontrar para a sua estruturação, por se absterem da mínima torpeza todos os seus componentes e se estimularem reciprocamente na prática do bem. *Ílias*: juntos, nos combates, apesar de serem em número reduzido, venceriam, por assim dizer, o mundo inteiro. Sim, ser visto o amante pelo seu querido abandonar o posto ou jogar longe as armas, fora motivo muito mais sério de envergonhar-se do que se tal acontecesse na presença de todo exército. Preferia mil vezes morrer a fazer tal coisa. (O BANQUETE, 178D,179A)

Fedro apresenta o *amor* em forma de deus, estando esse entre os deuses mais antigos e ocupando um espaço nobre. Segundo o qual, tendo o amado uma fonte de inspiração que o induz a boas ações, aquele que ama deve ser um grande guerreiro, digno de discípulos. Expande muito mais sua reflexão, apontando que se fosse possível formar em uma cidade um exército de homens que se amassem, com certeza, a traição seria uma prática erradicada daquele meio social. Jamais um amante abandonaria o seu amado, quer seja nas mais adversas circunstâncias. Ao continuar com a sua expressiva retórica, alarga ainda mais a compreensão do que seria amar o outro, uma vez que este torna o amante virtuoso, tendo em vista que essa seja uma das propostas do *amor*, colocar-se em prática de busca de predicados de *beleza*, por isso que ascender-se num homem virtuoso será nada mais nada menos que a consequência de uma meta tão nobre. Ora, uma vez que se apaixona, o esforço de ser um homem melhor torna-se algo imprescindível, pois, apresentar-se da melhor forma possível ao amado converte-se em algo essencial. Portanto, uma cidade boa é aquela em que os seus cidadãos amem de fato alguém, porquanto, a apreciação sendo característica inerente de cada qual, de maneira certa, aquela cidade estará povoada de habitantes que buscam o Bem Maior.

Dentre os demais partícipes de **O Banquete**, Pausânias, sendo um dos que manifesta sua fala, inicia discordando de Fedro. Para ele, o *amor* não é um deus, mas sim duas deusas, a primeira a *Afrodite pandêmica*, que está preocupada com o *amor* físico, ou melhor, permanece fixada nos apetites sexuais, este é de fato, trivial, e encontrando-se reverenciado pelos indivíduos de decadente condição, para eles não importam se amam mulheres ou rapazes e a segunda a *Afrodite urânia*, que já conseguiu desvencilhar-se das paixões, esta consiste no *amor* intelectual (O BANQUETE, 181B,C,D,E). No entanto, com o desenvolvimento de sua linguagem é possível perceber que, justifica-se na mesma ação defendida por Fedro, repasse de um velho sábio a um jovem aprendiz. Existe o *amor* entre corpos e o *amor* entre mentes. Qual seria o amor superior? Evidentemente que o *amor* entre o segundo mencionando, que corresponde ao *Eros* entre almas, sendo que entre o primeiro seja perecível e findável.

Pausânias inicia então a sua análise das quatro principais formas de *amor*, a saber: o primeiro o *amor* entre um homem e uma mulher jovem, não é possível, dado que, não poderão aprender nada um com o outro, são jovens, imaturos, ainda estão no início da vida e assim, acham-se apegados aos corpos, significa dizer que, localizam-se no primeiro estágio. O segundo, o *amor* entre sábios, posto que, não haverá aprendizagem entre ambos, já que um e outro conhecem, sabem. O terceiro, o *amor* entre homem e mulher, nada obstante, é ruim, tendo em vista que a mulher na sociedade grega estava situada em nível inferior ao homem, sendo assim, não há conhecimento entre homem e mulher. O quarto é justamente o *amor belo*, realizado entre homens, desde que um dos quais seja mais velho, sábio que vive as virtudes e o outro um jovem mancebo aprendiz, que manifesta a vontade de adquirir conhecimento e que seja minimamente inteligente. Aquele que discursa, garante que esse é o único *Eros* capaz de garantir que as pessoas tornem-se virtuosas. Ora, o jovem fica nobre ao tempo em que ama o sábio mais velho, pretendendo a justiça, sendo essa a principal virtude, pois traz consigo todas as outras. Já o sábio mais velho, durante o tempo em que transmite ao jovem as mais belas aspirações do *amor*, garante sua permanência nessa virtude, a justiça. O belo *amor* é entre um jovem que deseja primordialmente aprender e um sábio que pretende ensinar.

Nisso a sociedade também exerce o seu papel, essa é intermediadora de *Eros*, dizem quais são os amores que são aceitáveis. Entre o amante e o amado possui o poder social de dividi-los ou de os juntarem. Argumenta Pausânias:

Sempre que o amigo e o amado coincidem nos respectivos pontos de vista, aquele que o propósito de servir o amado em tudo o que for justo; este outro,

de sua parte, resolvido a conceder, a quem o deixa sábio e bom, tudo o que for compatível com a justiça, por estar, de fato, dentro das possibilidades do primeiro comunicar ao outro virtude e sabedoria, e desejar o segundo aprimorar sua educação e progredir nos diferentes ramos do saber: quando esses dois princípios se fundem num único, então e só então, é belo entregar-se o amado ao amigo; noutras circunstâncias, não. (O BANQUETE, 184D,E).

Toda via, é imprescindível o posicionamento de Sócrates diante de tais circunstâncias, praticadas e vistas sob uma ótica de normalidade em algumas Cidades estados na Grécia Antiga. Identifica-se o posicionamento de Platão nas arguições feitas por aquele que era seu mestre, todo o seu posicionamento, no que está relacionado à descrita atividade.

Logo no início do festim comemorativo pela vitória de Agatão no concurso de poesias, esse que respaldava de grande fama de exímio poeta, ao perceber que o mais ilustre dos convidados, havia adentrado sua casa, põe-se em gesto de acolhida. É evidente a aceitação da prática pederástica por Agatão. Logo que Sócrates chega, esse o convida para que possa ter o privilégio de estando em contato¹² com ele, a mais alta reflexão e sabedoria portada por Sócrates, seja capaz de ser acessada por ele, Agatão. (O BANQUETE, 175C,D).

A tônica do convite que fora feito a Sócrates está precisamente no instante em que o pedido está referido para reclinar-se com ele. Evidentemente que, a ótica de normalidade de ingresso no mundo do conhecimento a partir de tais instigações, apresentada por tal personagem, não deve ser interpretada sob o viés de determinadas inclinações sentimentais, mas, entendida em uma contextualização ampla que requer verossímeis análises de toda a vida no mundo grego antigo.

Em meio a tal proposta, o filósofo grego em estudo, elucida toda a sua reflexão acerca da prática pedagógica supracitada. Ao apresentar a contrariedade de Sócrates, demonstrando o apelo que este ilustra em sua retórica, intimando o jovem poeta Agatão, a meditação das indagações expostas em vista da contextualização que ambos estão inseridos.

Depois de sentar-se disse Sócrates: seria bom, Agatão, lhe falou, se com a sabedoria acontecesse isso mesmo: pela simples ação de contato, passar de quem tem muito para quem está vazio, tal como se dá com a água, que escorre por um fio de lã, da copa cheia para a que tem menos. Se com a sabedoria acontecer a mesma coisa, para mim será de suma importância ficar junto de ti, pois espero saturar-me à custa de tua abundante e excelente sabedoria. A minha é fraquinha e duvidosa como os sonhos; a tua, pelo contrário, brilhante e promissora, pois, apesar de seres moço, irradia-se com tal força, que ainda anteontem luzia na presença de mais de trinta mil helenos. (O BANQUETE, 175C,D,E).

¹² Reclinar-se no divã ao lado do sábio. Auri seus conhecimentos. Relação íntima de mestre e discípulo.

Nesse diálogo de Sócrates, não diferenciando dos outros em que há sua valiosa participação, é notória a presença de sua humildade intelectual. Apresenta-se aquele jovem como ignorante, localizando-o, na classe de mestre. Supõe-se que quem deveria aprender não seria o jovem, mas sim ele. A guinada feita contribui para uma maior interpretação da vida e autêntica busca pela sabedoria, uma vez que a caríssima virtude não é conquistada por um simples contato com quem se julga portador, mas sim por uma constante perseguição da negação do mundo dos prazeres físicos em vista do relevante amar ao conhecimento.

A filosofia platônica do *amor*, não diferente de toda a sua ampla reflexão e problemática refletida por ele, é aquela em que sempre o método utilizado será o de negação das paixões, ou melhor, desvencilhar-se daquilo que está em acesso fácil, para que por meio de uma incansável busca, o amante, consciente de que é preciso sair da exterioridade, passe a percorrer o viés que tem como fim último, a contemplação do ideal que sempre foi aspirado pela alma. O desejo do eterno está implícito na razão humana, por isso, que muitas são as tentativas do homem enquanto tal de chegar a termo de suas mais altas inspirações e assim, eterniza-se passo a passo em cada ação feita. O autor demonstra as mais variadas maneiras de que o ser humano dispõe, desde as operações mais simples, próprias de quem ainda está no início e ou daqueles que ficaram fixados em condutas em que já deveriam estar superadas. Todavia, se faz necessário os mais coerentes pensamentos, no que concerne, a tais pretextos, evidenciando assim, aprovação ou não de algumas dessas práticas.

Somente o homem nobre é capaz de procura a sabedoria, ciente de sua ignorância, pode compreender a relevância de tal virtude e a partir de então, a investigará com disposição de que esteja sempre o mais próximo possível daquilo que é o ideal na filosofia do pensador grego em estudo, sendo a máxima do homem virtuoso, a justiça, atributo entrelaçado ao Bem.

4.2 O Eros filósofo

Pode-se enunciar que o *Eros filósofo*, consiste no cerne de toda a problemática evidenciada na exposta redação monográfica, melhor dizendo que este, constitui-se como a sapiência de toda a reflexão da teoria platônica do *amor* ou *Eros*, proposta, de tal maneira que, reconhecendo o *Eros filósofo*, seja pertinente salientar o desfecho da pesquisa pela qual nos propomos, intentando, para a centralidade da referida questão naquele que de maneira evidente e clara, seja o principal momento de todo **O Banquete**: as argumentações socráticas no que corresponde a *Eros*.

Sócrates carrega consigo toda uma maneira que lhe é própria e que se distingue das demais, sua notória humildade e por que não dizer sua preocupação em fazer com que o outro entenda que não diferente dos demais, são ignorantes. Ao mesmo tempo em que, o conduz para a compreensão da sua limitação enquanto seres finitos. Sócrates contribui com o seu interlocutor, para que esse se interesse por descobrir qual sua importância levando-o a *parir* o conhecimento, desfecho da ironia socrática, e fundamentado no seu método dialógico, de forma que aquele com quem dialoga tire suas próprias e coerentes conclusões.

A apologia feita a *Eros* por Sócrates é perceptível, evidente que, a sua maneira. Isso lhe conferirá uma louvação inédita ao tema proposto, pois que, diferentemente dos outros convivas, no qual demonstraram um discurso afirmativo que o *amor* é detentor ou não de qualidades, tomando por subsídio seus próprios argumentos, Sócrates principia o seu tão esperado discurso, desconstruindo toda a retórica do anfitrião da festa, Agatão, e apresenta aos partícipes do banquete, não a sua meritória reflexão de *Eros*, mas, o que os outros concebem de tão complexo enigma (HADOT, 1999, p 73)¹³. De tal forma que, Platão, ratifica mais uma vez a tão famosa *humildade socrática*.

A meu ver, meu caro Agatão, principiaste admiravelmente bem o teu discurso, com afirmares que seria preciso, logo de início, revelar o que é o Amor, para depois enumerar as suas obras. Tal exórdio só merece encômios. Muito bem. E, uma vez que discorreste com tanta beleza e magnificência a respeito da natureza de Eros, responde-me ao seguinte: faz parte da natureza do Amor, ser amor de alguma coisa, ou nada? Note-se: não me estou referindo ao amor de pai ou de mãe, pois fora ridículo perguntar se o Amor diz respeito a pai ou a mãe. O que quero significar é que se te perguntassem, com referência a Pai, se, como tal, é ou não é pai de alguém, decerto responderias, no caso de queres apresentar resposta certa, que o pai é pai de algum filho ou filha, não é verdade? [...] (O BANQUETE, 199A,B,C,D).

Segundo Sócrates, como poderia ele se opor a tantos discursos belíssimos relativos ao *amor*, logo ele que nada sabia e inda era ignorante. É importante notabilizar que, dentre os que foram escutados por ele, a que mais se destacou em uma reflexão dita plausível, foi exatamente uma mulher que, na sociedade grega, não gozava de nenhum tipo de regalias. Sócrates diz que o que sabe sobre o *Eros*, aprendeu quando estava indo diretamente para aquele banquete, refere-se à Diotima, a sacerdotisa de Mantinéia, destacando a valiosa contribuição dessa mulher na construção de uma autêntica e coesa interpretação de *Eros*.

¹³ Pierre Hadote, (1922-2010) filósofo francês de grande destaque e especialista em História da Filosofia Antiga especialmente em Neoplatonismo.

Sócrates eleva então a figura feminina, estando essa em ostracismo na Grécia Antiga, não diferente de outras sociedades da época.

Por meio da reflexão da sacerdotisa de Mantinéia, o *amor*, não pode ser um deus, nem belo nem feio, como já fora evidenciado, estar situado entre o belo e o feio, o imortal e o mortal. Significa dizer que esse é precisamente um *daímon*, isto é, um ser que está em um nível intermediário entre os deuses do Olimpo e os homens na Terra, entre os imortais e os mortais. Estando, pois nessa posição, não pode ser entendido único e exclusivamente em uma situação que esteja oposta entre ambos, mas principalmente em uma conjuntura de mediador. Com base em tal circunstância, o *daímon* está em contato com os dois mundos e assim se torna responsável pela comunicação e iniciação aos mistérios, bem como, curas da alma e do corpo. (HADOT, 1999, p 73).

O *amor* não pode ser belo nem feio, uma vez estando situado em tal posição. Tal expressão da mulher de Mantineia causa inquietações em Sócrates:

Como assim, Diotima! Nesse caso, Eros é feio e mau? E ela: “Não blasfemes! Pensas, porventura, que o que não é belo terá de ser necessariamente feio? “Sem dúvida”. E quem não for sábio, será ignorante? Não percebeste que há algo intermediário entre a sabedoria e a ignorância? “Que poderá ser?” A opinião verdadeira de alguma coisa, sem que se possa justificá-la. Como bem sabes, continuou, nem é conhecimento – pois como poderá haver conhecimento do que não se pode demonstrar? – nem ignorância, visto não poder ser ignorância o que atinge, de algum modo, o real. A opinião verdadeira é qualquer coisa desse tipo, entre a compreensão e a ignorância. (O BANQUETE, 201B,C,D,E, 202A)

É notório todo o estranhamento de Sócrates, sobre a forma de compreensão de *Eros* apresentada, ora, nunca havia escutado tal discurso no que concerne o *amor*. Instigado ainda mais por sua curiosidade, Sócrates, indaga a sacerdotisa sobre o suposto nascimento de *Eros*, no que contribui para que o diálogo se estenda ainda mais. Segundo Diotima, tudo teve início no dia em que os deuses comemoravam o nascimento de Afrodite, deusa na mitologia grega responsável pelos encantamentos de *amor* e pela *beleza*. Dentre os convidados mais ilustres daquele banquete comemorativo, estavam Poros, filho de Métis e estando já no fim da festa, Pobreza sem possuir convite se introduz no festim, percebendo que seria uma oportunidade perfeita para a sua mendicância. Estando no fim das comemorações, Poros embriaga-se, penetrando então no jardim de Zeus, no que lhe causa um sono longo e profundo. Pobreza, notando tal situação, pensa na oportunidade de ter um filho com o deus nobre, reclinando-se ao lado de Poros, concebeu *Eros*. Dessa forma, *Eros* passa a ser companheiro de Afrodite e

sendo filho de Pobreza toca-lhe os seguintes atributos: sempre pobre, e distante está de ser belo e delicado. Mas sendo filho de tal pai, procura sempre o que é belo e Bom, bravo e amigo da sabedoria. (O BANQUETE, 203A,B,C,D,E). Que *Eros* esteja oscilando no caminho é indubitável. Encontra-se sempre ao meio do itinerário, está entre a miséria e a nobreza, a sabedoria e a ignorância.

A grande razão disso tudo é que nenhum dos deuses tem predileção pela filosofia, ou seja, nenhum deles possui o desejo de possuí-la, de tê-la e não desejando a filosofia, automaticamente não insistem no caminho que conduz para a sabedoria. Ora, isso eles já o são, sábios, não há necessidade de nutrir tais motivações. Em contra partida, entre os mortais acontece o mesmo. O sábio necessita filosofar? Indiscutível que não, pois já possui *amor* pela sabedoria, está completo. Entretanto, existem os homens que são ignorantes, não são desejosos da arte de filosofar e sendo assim, não são sábios. (O BANQUETE, 204^a,B,C) É de suma importância enfatizar que esse é o principal defeito do ignorante, não perceber a falta de completude em seu ser, erradicando de si próprio o desejo das aspirações mais elevadas, posto que, arroga-se ao nível de totalidade, completo. O insciente é rigorosamente aquele que não sabe e parte do pressuposto que sabe, diferentemente, o filósofo parte do posicionamento que não sabe e dessa forma persegue o conhecimento em todas as instâncias e em todos os momentos. A peculiaridade primígeno do filósofo é o desejo que o diferencia do insciente. Apenas ele, o filósofo, pode desejar. O sábio não deseja, pois já sabe e o ignorante não se motiva a busca do conhecimento, porque embora não sabendo, considera que atingiu o amor intelectual, a racionalidade. Nenhum dos dois manifesta o desejo constante, apenas o filósofo.

Analisando toda a controvérsia entre Sócrates e Diotima, percebe-se que a todo instante, observando toda a vida despojada do velho filósofo e empreendida com convicção por ele, tendo como meta única e exclusiva, atingir a sabedoria, Platão confirma o seu modelo de vida, estando esse presente em toda a vivência do seu mestre, ratificando qual seria o modelo ideal, que se trata evidentemente do *Eros-Sócrates*, esse sim é o fidedigno retrato de filósofo, no que permite a muitos leitores e comentadores de Platão desenvolver pertinentes analogias entre Sócrates e *Eros*.

Na medida em que, filho de Poros e de Pobreza, *Eros* é pobre e deficiente, mas sabe, por sua habilidade, compensar sua pobreza, sua privação e sua deficiência. Para Diotima, *Eros* é filósofo, pois está a meio caminho entre *sophia* e a ignorância. (HADOT, 1999, p 75).

O *amor* à sabedoria representa a perfeição do conhecimento ou do saber reconhecido em uma vida virtuosa. No entanto, o filósofo grego em estudo, não propõe uma definição do

que seja a sabedoria, demonstra exclusivamente que esta, se trata de um estado de transcendência. (HADOT, 1999, p 77). Todavia, em toda a história da tradição grega a *sophia*, ou saber, não se constitui somente em um inteira-se puramente teórico, mas sobretudo no saber-viver, ou seja, na práxis diária, contribuído para que todas as coisas concorram para uma vida em que a marca seja as virtudes.

O *Eros-Sócrates* é um exímio caçador, pois carrega dentro de si, um impetuoso desejo de conhecer. Com isso, explica-se o diferencial de Sócrates entre os ditos ignorantes, uma vez que ele seja ciente do seu não saber, motiva-se então para o saber, anseia por isso. Nisso, convém inferir que Sócrates sendo o filósofo, seja também *Eros*, sendo portador de tão nobre desejo.

O amor, compreendido na Obra *O Banquete* de Platão como *Eros* é nem mais nem menos que o desejo pelo Belo e pelo Bem, sem que os tenhamos propriamente. Por conseguinte, o amor, é a busca pelo conhecimento do Belo e do Bem, associados à justiça, tendo em vista que tal conhecimento significa a máxima de toda a filosofia desenvolvida por Platão. Desvencilhando-se de todas as paixões e apetites desordenados em um processo de humildade e inspiração dos mais altos valores de conhecimento, a criatura humana, livrando-se de seu cárcere, o corpo, terá a possibilidade de situar-se no mais alto nível, no conceito de Bem, presente no Hiperurâneo. Porém, a busca só será empreendida por aquele que reconhece em si próprio a ausência de *beleza* e de bondade, dispondo-se a caminhar pela direção correta. O *Eros* é sem sombra de dúvidas o filósofo, isto é, o que busca a todo instante a sabedoria, desperto para sua ignorância.

Para Sócrates e Platão, apresentam-se quatro etapas fundamentais para chegar ao conhecimento do Belo e do Bem, a saber: em primeira parte, situa-se a visualização mais baixa, ou melhor, própria do início, trata-se de enxergar a beleza presente no físico, nos corpos dos homens e das mulheres, é o tipo de amor mais inferior, estando presas as paixões instintivas do ser humano; em segundo lugar, encontram-se as semelhanças, não somente entre os corpos, mas entre esses e as coisas que em sua grande maioria são produzidas pelo artista. Constatam-se dois corpos e ambos possuem beleza; em terceiro plano, tendo como pressuposto o segundo passo, tomando consciência dessa beleza que está em ambos os corpos, faz-se necessário compreender que nenhuma das duas matérias possui a beleza, partindo então da ideia de completude e em Platão, essa é uma das ideias de beleza; em quarto, se encontra o mais alto nível de consciência de *beleza* e bondade, aqui só é possível estar aquele que conseguiu passar por todos os outros meios, sendo então um homem virtuoso. Nesse ponto está o mais alto conhecimento da Ideia de beleza e de bondade.

Equivale dizer que, neste local, se encontra o *amor* racional, intelectual, em sua contemplação máxima.

O *Eros* tende a se materializar na constante e incansável procura que as criaturas mortais, seres finitos, empreendem pela imortalidade. O homem possui em seu interior o desejo mais alto do eterno, característica primordial que o distingue dos deuses. E assim, nessa constante via, pretende diligenciar-se para a reprodução do belo e do Bem no mundo, por meio de suas obras, consciente de que estando nesse mundo jamais poderá alcançá-lo, pois estando como cópias imperfeitas, atingi-lo só será possível em Nós em que o *amor* é tão pleno, cabal, que as necessidades físicas já estarão superadas.

A última perspectiva da obra *O Banquete* de Platão, está localizada exatamente ao término de todo o discurso convidativo para a reflexão feito por Sócrates. Surge então, já no fim do banquete, um jovem guerreiro denominado de Alcibiades, jovem que demonstrava expressa paixão pelo homem considerado mais sábio de toda a Grécia. Inicia então uma expressiva sentença referente a Sócrates. Devotam-lhe seus elogios, introduzindo a resistência presente em seu amado, já que este não sedia aos apetites do físico. Alegava Alcibiades que mesmo sendo um valoroso guerreiro, suas tentativas de seduzi-lo eram todas vans.

Os muitos elogios concernentes a Sócrates demonstram, que o fato de que não cedesse as seduições do jovem guerreiro, denotam a apurada percepção de *beleza* que lhe era própria, quer dize, a *beleza* presente naquele guerreiro, figura que dispunha de excelente visão na Grécia, não era devidamente sua, o guerreiro não era belo em si, mas detinha semelhança com a Ideia de *Beleza*. Em toda a obra, especificamente nos discursos de Sócrates, percebe-se a teoria platônica do *amor*, “não te tornes escravo de nada nem de ninguém que aches belo”. A filiação primeira deve ser com a Ideia de *beleza*. O alvo do caminhar deve ser a constante busca pela verdade e o Bem como fins últimos, estando esses presentes no Mundo Ideal. *Eros* é sem sobra de dúvidas, desejar a eternidade.

5 CONCLUSÃO

As formas contidas no mundo ideal ou das essências carregam consigo uma poderosa influência para com a vida dos seres humanos, pois são elas as responsáveis diretas por inspirá-los o desejo apaixonado de uma vida nobre. A partir do momento que os indivíduos as descobrem, as suas vivências tomam sentido e rumam para a direção que os levará ao estado único e somente ele de paixão concreta, ou seja, de *amor* puro. Esse processo foi que a obra de Platão que tomamos como o centro dessa pesquisa, **O Banquete** quis desenvolver, isto é, a vida do amante que tem como fim último completar-se em seu amado, em síntese: o homem ignorante, o filósofo que tem como meta principal de vida a conquista do conhecimento. Melhor dizendo, o triunfo da sabedoria. Por isso da estruturação dialógica da obra: uma série de louvações concernentes a *Eros*, estando o principal relato da fala da sacerdotisa fictícia Diotima e é concluído com uma prodigiosa descrição da apaixonada resposta de Sócrates.

Os que estão enamorados ajustam-se buscando algo que ainda não entendem, tendo ciência disso ou não. Destinam-se a posse eterna do Bem e essa corrida só poderá ser concluído com êxito por meio de alguma atividade, por esse motivo o amor é característica muito relevante ao homem. Somente *Eros* pode movimentá-lo, impulsioná-lo na direção que atingirá a eternidade divina, por essa razão, o movimento faz parte de sua natureza.

Tendo como base os variados discursos dos personagens apresentados por Platão, evidenciamos a misteriosidade que envolve o *Eros*, desde sua concepção pelos deuses até a interferência que exerce na vida dos mortais. Apontamos algumas formas de *amor*, desde os mais inferiores aos mais nobres. Estando a perpetuação da espécie humana em escala bastante misteriosa, pois exatamente nessa ação, os mortais aproximam-se significativamente dos imortais. Mesmo assim, Platão o posiciona em escala abaixo em vista ao *amor* que em si possui a nobreza e forma de *beleza*: o *amor* conquistado pelo *Eros*-filósofo que é pura intelectividade, conhecimento e sabedoria. Em suma: o Bem em plenitude. É nada mais nada menos que o *Eros* afeiçoado à forma de *beleza*, dado que esse é o mais formoso e galante de todas as cópias e propicia o máximo deleite ao amante.

A vida do homem deve estar pautada em atividades que garanta a elevação dos diversos estágios de bem-querer emocionais e compreensões. Iniciando, então, pela atração física da *beleza* contida em início nos belos corpos, o exímio caçador, ascende às paixões para as *belezas* produzidas pelas essências do eterno, de tal forma que na visão do eterno caçador, as escamas dos olhos gradualmente serão retiradas e o descortinamento de variadas

formosuras presentes na alma dos amados causarão o fascínio e o ardente desejo de aprimorar-se cada vez mais na ação que culmina na *beleza* eterna e imutável da *beleza* em si.

Convém explicar que em Platão, o tema da *beleza* não está ligada ao conteúdo da arte que para ele, resume-se simplesmente em imitação de mera aparência, de tal forma que não revela a *beleza* eterna e inteligível. Mas associa-se ao tema do *Eros* ou *amor*, compreendido como dáimon, ou seja, uma força mediana entre o sensível e o suprassensível. Trata-se de uma força que eleva a vida do homem, por meio de graus de conhecimento, o faz buscar a eternidade. Sabe-se que para os gregos o belo combina com o Bem. Assim o *Eros* é o impulsionador do Bem, estando na erótica à revelação do caminho que deve ser seguido e que conduzirá ao absoluto.

A teoria do *Eros* que produz erotização no homem, segundo Platão, não contribui para uma fixação do *amor platônico*. A meta traçada por *Eros*, de fato, tem início na paixão pelo físico, material, os bonitos corpos, no entanto, progride a erotização para o *amor* espiritual que toma o lugar essencial em uma vida projetada para a contemplação, por isso que a vida refletida será aquela em que os apetites, os costumes e as *belezas* primeiras, por estarem em acesso mais fácil, serão controladas em vista de uma bem muito maior.

Dentre as múltiplas e variadas análises que herdamos da filosofia platônica, a análise do *amor* está situada sem sombra de dúvidas entre uma das mais deslumbrantes de Platão. *Eros* não é pobre nem rico, feio ou belo, não é um deus, também não é homem. Justifica a observação grega de dáimon, por ser intermediário. Entretanto, *Eros* é sede de *amor* e *beleza*, visto que para proporcionar o caminho de tais essências, deve ter consigo pelo menos uma pequena parte de tais ideias. Platão com seu método dialético resolve o problema de linguagem que circulava a temática supracitada.

Em síntese o *amor* defendido por Platão é precisamente o filósofo na definição mais fidedigna do termo. A *sophia* ou sabedoria é um atributo que apenas os deuses possuem, restando apenas a ignorância para aqueles que estão mais distantes do divino. Tomando ciência disso, do seu estado de ignorância, somente o filósofo é capaz de percorrer o viés que o levará para a posse de atributo tão caro. Por isso que ele, o filósofo, dentre os homens é o amante por excelência da magnitude do *amor*, isto é, a sabedoria.

Eros é sem sombra de dúvidas o desejo que perpassa toda a vida da pessoa humana, é o meio que faz com que o homem perceba a sua finitude, despertando nele as aspirações que lhe permitiram deixar as sombras das amarras da vida para percorrer a trilha que vencendo cada passo constituirá a nobreza de seu ser que tem como fim último e necessário o divino eterno do qual sempre fez parte. *Eros* erotiza no homem filósofo as mais determinadas e

misteriosas vontades de elevar-se da ignorância para o então homem sábio que em seu íntimo, depois de ter passado por todos os estágios tem consciência que o verdadeiro *amor* é desejo do belo, do bem, da sabedoria, da felicidade, da imortalidade e enfim do absoluto.

AUDI, Robert. *Exatimário de Filosofia de Curitiba*. São Paulo: Paulus, 2008.

CESTIA, Wilson. *Reflexão: A construção filosófica da alma*. Departamento de Filosofia. 2002. — Rio, 2002. Disponível em: <http://www.filosofia.ufpr.br/revista/revista%20de%20filosofia/revista%20de%20filosofia.pdf>. Acesso em: 05 set. 2010.

DENZI, Maria. *Reflexão da Departamento de Filosofia de UFPR*. São Paulo: Remota, 2011. Disponível em: <http://www.filosofia.ufpr.br/revista/revista%20de%20filosofia/revista%20de%20filosofia.pdf>. Acesso em: 05 set. 2010.

DURANT, Will. *Os Grandes Filósofos A Filosofia de Platão*. Tradução de Maria Theresia Miranda. Rio de Janeiro: Editora, 1994.

GUILLERMO, Viana. *Os diálogos de Platão*. Rio de Janeiro: Editora, 2007.

HAYOT, Pierre. *O que é a Filosofia Antiga?*. Tradução: Maria Theresia Miranda. São Paulo: Editora Loyola, 1999. Disponível em: <http://www.filosofia.ufpr.br/revista/revista%20de%20filosofia/revista%20de%20filosofia.pdf>. Acesso em: 05 set. 2010.

MERIN, Anthony. *Filosofia Antiga: Uma nova história da filosofia ocidental*. 2. ed. São Paulo: São Edições Loyola, 2006. Carlos Alberto Barbera.

NAMIC, Richard. *Platão*. São Paulo: Vozes e Letras, 2011.

NOVA CULTURA (São Paulo - SP) Org. J. Platão - Vida e Obra. São Paulo, SP. Nova Cultura Ltda, 2004. Coordenação editorial: Raul Faria.

PERANHA, José Antônio. *Platão: os diálogos*. In: *Platão*. Org. J. Platão - Vida e Obra. São Paulo, SP. Nova Cultura Ltda, 2004. Coordenação editorial: Raul Faria.

PLATÃO. *Diálogos I: Mênex, Banquete, Fedro*. Trad. direta do grego por Jorge Teófilo. Rio de Janeiro: Editora de Ouro.

PLATÃO. *O Banquete*. 1. ed. Editora. Editora, 2011. Livro organizado por Jorge Teófilo. Tradução Carlos Alberto Nogueira. Editora Mito. Tradução de Jorge Teófilo. Rio de Janeiro: Editora de Ouro.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Roberto Antonio Penedo do. **O conhecimento como Eros: uma leitura de O Banquete de Platão.** penedo.amaral@gmail.com. Revista Vozes dos Vales: Publicações acadêmicas. ISSN: 2238-6424, n. 02 - Ano1- 10/2012 – Disponível em: http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/O-conhecimento-como-Eros-uma-leitura-de-O-Banquete-de-Plat%C3%A3o_angela_roberto.pdf. Acesso em: 05 set. 2016.

AUDI, Robert. **Dicionário de Filosofia de Cambridge.** São Paulo: Paulus, 2006.

COSTA, Mônica Batista. **A concepção platônica da alma.** Departamento de Filosofia. PUC – Rio, 2008. Disponível em: http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2008/relatorios/ctch/fil/fil_monicaabc.pdf. Acesso em: 06 out. 2016.

DISCURSO: Revista do Departamento de Filosofia da USPI. São Paulo: Barcarola, 2011. Considerações Sobre Filosofia, Retórica, Imagem e Verossimilhança em Platão.

DURANT, Will. **Os Grandes Filósofos: A Filosofia de Platão.** Tradução de Maria Theresa Miranda. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.

GOLDSCHMIDT, Victor. **Os diálogos de Platão: Estrutura e Método Dialético.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HADOT, Pierre. **O que é a Filosofia Antiga?** Tradução: Dions Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1999. (capítulo 04: a definição do filósofo no Banquete de Platão).

KENNY, Anthony. **Filosofia Antiga: Uma nova história da filosofia ocidental.** 2. ed. São Paulo, Sp: Edições Loyola, 2008. Carlos Alberto Bárbaro.

KRAUT, Richard. **Platão.** São Paulo: Ideias e Letras, 2013.

NOVA CULTURA (São Paulo - Sp) (Org.). **Platão - Vida e Obra.** São Paulo, Sp: Nova Cultura Ltda, 2004. Coordenação editorial: Janice Florido.

PESANHA, José Américo Motta. Platão: as várias faces do amor. In: CARDOSO, Sérgio. **Os Sentidos da Paixão.** 9. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 77-103.

PLATÃO. **Diálogos I: Mênon, Banquete, Fedro.** Trad, direta do grego por Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Edições de Ouro.

PLATÃO. **O Banquete.** 3. ed. Belém: Ed.ufpa, 2011. Texto grego John Burnet; tradução Carlos Alberto Nunes; editor convidado Plínio Martins Filho; coordenação Benedito Nunes e Victor Sales Pinheiro.

SZLEZÁK, Thomas A. **Ler Platão**. Tradução: Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

WHITE, Nicholas P.. Epistemologia metafísica de Platão. In: KRAUT, Richard. **Platão**. São Paulo, Sp: Ideias e Letras, 2013. p. 327-365.